

ALGUNS PROBLEMAS ENTOMOLÓGICOS EM ESSÊNCIAS FLORESTAIS NO RIO GRANDE DO SUL

Ervandil Correa Costa *
Dionisio Link *

A região central do Rio Grande do Sul quase não possui florestas nativas e cultivadas. As florestas nativas estão restritas às margens dos principais rios da região ou encostas de morros. Das essências cultivadas, predominam as culturas do eucalipto, acácia-negra e pinheiro-americano.

A necessidade de madeira para fins industriais, como combustível em padarias; secadores de grãos e outros; material para a construção civil, como tábuas, caibros, escoras e linhas; suporte para leito de estrada de ferro (dormentes) e linhas de transmissão (postes e travessas); ou mesmo com finalidade de proteção ambiental, como florestamento, fixação de barranco dos rios e abrigos para animais domésticos e selvagens, têm forçado o plantio de essências florestais nativas e exóticas, algumas vezes com êxito, e outras, com muitos problemas.

A essência florestal mais disseminada na região, como já foi referido, é o eucalipto, com muitas espécies em cultivo e pouco ou quase nenhum bosque homogêneo.

Na implantação de um eucaliptal, há necessidade de eliminação de toda e qualquer formiga-cortadeira existente na área, especialmente as quenquéns (*Acromyrmex* spp.) que, ao desfolharem a planta ainda jovem, podem levá-la à morte no primeiro ano; a partir do segundo ano, sua importância diminui.

O ataque da saúva-limão sulina, *Atta sexdens piriventris*, (Santschi 1919) é similar ao das quenquéns, mas sem a intensidade destas.

Logo após o transplante das mudas de eucalipto para o campo, durante os três ou quatro primeiros meses, deve-se inspecionar as mudas uma a duas vezes por semana para verificar a incidência do besouro-amarelo, *Costalimaita ferruginea vulgata*, (Lefèvre 1885), desfolhador, que chega a matar as mudas e, quando não mata, causa atraso em seu desenvolvimento. Em pequenas áreas, obteve-se sucesso no controle através do uso de um recipiente contendo óleo ou querosene diluído em água, segundo o qual, verga-se a muda sobre o recipiente, dá-se um golpe e os besouros caem no líquido e morrem. Em áreas maiores, o polvilhamento ou pulverização com fosforados ou carbamatos tem dado bons resultados.

Em eucaliptais com mais de 20 anos de idade, tem-se notado a ocorrência de cupins arbóreos, especialmente no cerne das plantas; a quase totalidade das plantas atacadas são aquelas com problemas fúngicos, atingidas por raios ou dominadas, isto é, plantas decadentes. Outros insetos constatados em pequena escala são o gorgulho-do-eucalipto, *Gonipterus gibberus* (Boisduval 1835) e as lagartas urticantes do gênero *Automeris*. Não foram observados prejuízos causados por estes insetos. Podem advir problemas de queimaduras causadas pelas lagartas nos eucaliptos somente quando estes são usados como plantas ornamentais em parques e jardins.

Na cultura do pinheiro-americano, o único problema surgido são as formigas-cortadeiras dos gêneros *Atta* e *Acromyrmex*, que desfolham as plantas, levando-as à morte nos dois primeiros anos de vida.

Outra essência florestal de certa expressão na região é a acácia-negra. O ataque de formigas-cortadeiras na implantação de um acacial é enorme. Os cuidados semelhantes aos realizados na cultura do eucalipto têm dado bons resultados.

A partir do segundo ano de idade, inicia-se o ataque do serrador (*Oncideres* spp.), cortando as hastes e causando a morte da planta ou envassouramento. É uma praga que tem ação limitante na cultura. As recomendações oficiais de controle conduzem a bons resultados, quando

* Professor – Dept^o Defesa Fitossanitária – Centro de Ciências Rurais – UFSM.

cumpridas, no conjunto, por todos os interessados na cultura. A execução das medidas por um acacicultor, isoladamente, pode levá-lo ao fracasso.

Em alguns acaciais, tem ocorrido um Curculionidae que desfolha a planta e roe a casca dos galhos novos, prejudicando o desenvolvimento da planta. É um problema localizado, de frequência esporádica e quase sempre em pequenos bosques.

Alguns pecuaristas implantaram bosques de angico para abrigo de gado e fonte de lenha. De uma maneira geral, conseguiram sucesso parcial, devido aos mesmos problemas que ocorrem na cultura da acácia-negra.

A tentativa de plantios homogêneos de cedro fracassaram pelo ataque de *Hypsipyla grandella* (Zeller 1848). Verificou-se que, quando o silvicultor abriu picadas no capoeirão e ali plantou mudas de cedro, conseguiu bom desenvolvimento, quase sem ataque desta lepidobroca. Outro problema importante, afeto a plantas até dois anos de idade principalmente, é o serrador (*Oncideres* spp.), cuja ação danosa é semelhante à ocorrida na acácia-negra.

A exploração dos ervais nativos tem apresentado alguns problemas de insetos com a ampola da erva-mate (*Metaphalara spegazziniana* (Lizer 1917), que reduz a área foliar e, como conseqüência, produz erva de baixa qualidade. Outro inseto, especialmente nos ervais nativos, é a broca-de-erva-mate, *Hedypathes betulinus* (Klug, 1825) que, ao abrir galerias nos ramos e troncos, causam a morte dos mesmos. A lagarta de *Thelosia camina* (Schaus 1920) desfolha a planta reduzindo a produção, enquanto as lagartas-tanque, do gênero *Sibine*, são mais prejudiciais por ocorrerem no período de colheita e causarem queimaduras nos trabalhadores. O uso de defensivos no controle destes insetos é muito raro, em razão do extrativismo puro e simples que ocorre nesta cultura.

O reflorestamento com araucária tem como principais problemas os roedores, especialmente ratos, quando em plantio direto dos pinhões no local definitivo e, no caso de mudas, as formigas-cortadeiras, as preás e lebres (roedores), que descascam as plantas com até dois anos de idade, matando-as. Estes problemas são minimizados em grandes áreas, mas, em bosques de até 5 ha, têm sido verificados grandes prejuízos, com perdas superiores a 50% das plantas.

Com pequena expressão como essência florestal, mas muito importante como ornamental, há o jacarandá (*Jacaranda mimosaeifolia* D. Don), as figueiras (*Ficus* spp. e gêneros afins) e o álamo (*Populus* spp.), que são atacados por lagartas urticantes dos gêneros *Automeris* e *Megalopyge*, causas de acidentes (queimaduras) em vias públicas e praças. O jacarandá é muito infestado por cochonilhas do gênero *Ceroplastes*, que lhe dão mau aspecto. As figueiras podem ser prejudicadas e mortas pelo ataque do arlequim-da-mata, *Acrocinus longimanus* (Linnaeus 1759), que prefere plantas com diâmetro superior a 20 cm. Verificou-se que esta cultura, em algumas regiões do Estado do Rio Grande do Sul, está em extinção. Como exemplo, existem os resultados de levantamentos feitos no município de São Sepé, em que, numa área de aproximadamente 14 x 14 km, observaram-se 100 plantas sadias e, após cinco anos, em janeiro de 1982, restavam apenas 16 árvores sadias e onze atacadas, que sobreviveram apenas mais um ano. Já na figueira-de-cerca, ou figueira-de-jardim, são por demais conhecidos os problemas causados pelos tripes, *Gynaikothrips ficorum* (Marchal 1908). O álamo tem apresentado mau aspecto pela ocorrência do pulgão-do-pecfólo, *Pemphigus canadensis* (Del Guercio 1913).

O cultivo de palmeiras, especialmente como ornamentais, tem enfrentado problemas com desfolhadores, com as lagartas de *Brassolis astyra* (Godart 1821), e com as coleobrocas *Rhynchophorus palmarum* (Linnaeus 1764) e *Rhinostomus barbirostris* (Fabricius 1775). O ataque de cochonilhas, especialmente *Aspidiotus destructor* (Signoret 1969), em ambientes fechados, pode causar a morte da planta em pouco tempo.

Para o controle de lagartas, tem sido recomendado o combate mecânico de coleta do saco de abrigo e posterior destruição por esmagamento, afogamento ou queima; para as brocas, na fase inicial, recomenda-se o uso de adubação completa, porque tem se verificado que os ataques se concentram em plantas decadentes e mal nutridas e com ferimentos na estipe. A utiliza-

ção de sistêmicos granulados no controle de cochonilhas em palmeiras não tem dado resultados satisfatórios.

As medidas de controle empregadas para espécies-praga em essências florestais, quer nativas ou cultivadas, são ainda discutidas. Para o serrador (*Oncideres* spp.), o aconselhado é a destruição dos galhos. Para mastigadores, tais como lagartas e besouros, existem muitos produtos no comércio, tanto fosforados como carbamatos, e mesmo de origem biológica, que são capazes de controlar perfeitamente insetos fitófagos. Para insetos-praga sugadores, tem-se o problema do porte da planta; quando pequena, existem inseticidas sistêmicos, tanto em pulverização como granulados no solo, aplicados na base da planta; porém, quando se trata de plantas de porte elevado, como é o caso do ataque de cochonilhas do gênero *Ceroplastes* spp., no falso jacarandá, ou do pulgão-do-álamo (*Pemphigus canadensis*), no álamo, restam apenas tentativas de combate e questionamento sobre medidas eficientes a serem discutidas e tomadas.

Fator de grande relevância são as coleobrocas. Em levantamentos feitos em serrarias localizadas na região central do Estado, abrangendo os municípios de Restinga Seca, Formigueiro, Santa Maria, São Sepé, Nova Palma, Faxinal do Soturno, Agudo, Dona Francisca, Sobradinho e Arroio do Tigre, verificou-se que 40% das toras que estavam sendo serradas apresentavam, no mínimo, um furo causado por coleobroca a cada três metros. As toras trabalhadas, em sua quase totalidade, eram guajuvira, ipê, açoita-cavalo, canela (espécies diversas), pessegueiro-do-mato, cedro, eucalipto, grábia e marmeleiro.

Aqui surge então, mais uma vez, um dos grandes problemas, que são as coleobrocas, e mais uma vez fica-se à espera de medidas eficientes para o controle destas pragas, considerando que as medidas preconizadas até o momento são ineficientes para áreas superiores a 1 ha.

REFERÊNCIAS

- COSTA, R.G. **Alguns insetos e outros pequenos animais que danificam plantas cultivadas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Sec. Agric. Ind. Com., 1958. 296p. (SIPA-172).
- GALLO, D.; NAKANO, O.; SILVEIRA NETO, S.; CARVALHO, R.P.L.; BATISTA, G.C.; BERTI FILHO, E.; PARRA, J.R.P.; ZUCCHI, R.A. & ALVES, S.B. **Manual de entomologia agrícola**. São Paulo, Ceres, 1978. 351 p.
- SILVA, A.G.A.; GONÇALVES, C.R.; GALVÃO, D.M.; GONÇALVES, A.J.L.; GOMES, J.; SILVA, M.N.; SIMONI, L. **Quarto catálogo dos insetos que vivem nas plantas do Brasil, seus parasitas e predadores**. Rio de Janeiro, Min. Agric., 1968. Parte 2, tomo 1, 622p.